



CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE LISBOA

REINVENTAR A ORDEM MULTILATERAL

EUA, EUROPA, 2009: REENCONTRO DE VONTADES?

A conferência anual do IEEI no ano de 2008 – a XXVI Conferência Internacional de Lisboa – organizada com a colaboração do Instituto de Estudos de Segurança da União Europeia e o patrocínio do Ministério dos Negócios Estrangeiros, reúne a 2 e 3 de Dezembro, no Centro Cultural de Belém. Tem por objectivo identificar as alterações no clima internacional no sentido da afirmação de um multilateralismo consequente que advém do forte impulso de mudança na liderança americana e de uma esperada reafirmação da União Europeia na esfera mundial.

A chamada estratégia de segurança europeia fixa como principal objectivo geral da política externa e de segurança o multilateralismo eficaz. Delineada em 2003, desenvolveu-se porém num clima mundial cada vez mais inóspito, e contrário a esse objectivo. A ideia do multilateralismo foi cedendo aos ventos unilateralistas que sopraram dos Estados Unidos, e também à incapacidade das instituições internacionais em adaptar-se ao ascenso das novas potências, ditas emergentes. A evidência mostra porém que não há verdadeira alternativa para vencer os flagelos de dimensão planetária como a pobreza, a criminalidade ou a doença, para combater e prevenir crises energéticas ou regressões económicas, para garantir enfim a paz e evitar as guerras. A governação multilateral, no plano mundial como no plano das regiões, é uma necessidade cada vez mais imperiosa, como a crise financeira mais uma vez demonstra.

O Conselho Europeu revisitará no final do ano a estratégia europeia (EES) com o intuito de agilizar a sua aplicação, introduzindo adaptações que cinco anos de experiência aconselham. O objectivo central de promover o multilateralismo consequente permanecerá, porém inalterado e se possível reforçado – extrapolando a União Europeia de certa forma para a ordem internacional o seu próprio modelo interno. Dada a natureza e a maior variedade das questões cujas consequências no capítulo da segurança serão agora consideradas, e sobretudo o grande objectivo de dar mais forte coerência e consistência à acção externa da União, garante que as linhas mestras da EES espelharão, mais nitidamente do que já hoje acontece, as prioridades da política e da acção externa da União Europeia, muito mais do que constituírem unicamente uma referência no domínio mais restrito da segurança.

A amplitude e a autonomia da acção externa da União Europeia é e será fortemente tributária de duas ordens de mudança. Na ordem interna, dependerá da legitimidade da sua acção mundial, da coerência e da eficácia política que for capaz de demonstrar. Isto na ausência dos instrumentos previstos no Tratado de Lisboa, que se não podem com algum optimismo esperar antes do ano de 2010. A grande mudança, hoje já certa, vem porém de fora, da Casa Branca e do Capitólio. Avaliar a sua verdadeira dimensão e os seus previsíveis impactos é um dos objectivos da conferência. Irá a liderança de Barack Obama reatar plenamente a tradição multilateralista dos Estados Unidos tornando possível, sem automatismo nem subserviência, a «convergência real» com a União Europeia em matéria de política internacional? Não pode esta pergunta ter uma resposta definitiva sem a prova da experiência, mas pode, e deve – porque a capacidade de influência não é uma via de sentido único – ser investigada através do debate inteligentemente direccionado. A própria viabilidade do objectivo central da União Europeia – a ordem multilateral – depende fortemente da orientação geral da política americana. Os seus efeitos

fazem-se sentir particularmente em áreas do mundo próximas, que fazem parte da vizinhança sul e leste da Europa, e naturalmente definidas como estratégicas e prioritárias na acção externa europeia. A guerra na Geórgia sublinhou de novo a importância estratégica da vizinhança leste, reacendendo o debate sobre as relações com a Rússia, bem como qual é hoje a missão central da Nato e até onde deve ir, sem comprometer a validade intrínseca do artigo quinto do Tratado de Washington, o alargamento da Aliança Atlântica. Por outro lado, a União Europeia procura reorganizar igualmente as relações com o sul, com a criação e o lançamento da União para o Mediterrâneo. Tanto estes temas como outro que as circunstâncias impuseram, ligado à hecatombe financeira e à gravidade da crise económica cujos contornos se vão precisando, colocam uma outra questão sobre que a conferência igualmente se debruçará: estaremos a assistir a um enfraquecimento da mundialização, a um regresso do Estado e a uma renacionalização geral das políticas por parte das grandes e das pequenas potências? Ou pelo contrário a uma reafirmação e a uma adaptação às realidades da globalização de um sistema multilateral de governação mais justo e eficaz?

É nosso objectivo examinar, à luz dos intensos debates que nos Estados Unidos e na Europa, e um pouco por todo o mundo, surgiram neste último ano, antever o alcance dos impactos da mudança esperada, que em parte o resultado das eleições presidenciais americanas causou já, levando em conta aquilo que não se podia sequer conjecturar antes de conhecido o nome do próximo presidente dos Estados Unidos da América.

Línguas de trabalho: português e inglês (tradução simultânea)

Patrocínio: Ministério dos Negócios Estrangeiros

REINVENTAR A ORDEM MULTILATERAL

EUA, EUROPA, 2009: REENCONTRO DE VONTADES?

[Terça-feira, 2 de Dezembro]

09:30 :: 10:00

ABERTURA

José Gregório Faria, Presidente do IEEI
Representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros (a indicar)

10:00 :: 11:15

POLÍTICA EXTERNA AMERICANA: UMA MUDANÇA RADICAL?

Maria Carrilho, Deputada à Assembleia da República, Lisboa – Sefan Halper, CIS, Cambridge – Marcin Zaborowski, EUISS, Paris – Carlos Gaspar, Director, IPRI, Lisboa

11:30 :: 13:00

'RECEITUÁRIO' PARA O PRESIDENTE OBAMA CORRESPONDER ÀS EXPECTATIVAS

Teresa de Sousa, Público, Lisboa – Oksana Antonenko, ISS, Londres – Atila Eralp, METU, Ankara – Alfredo Valladão, SciencesPo, Paris – Mahdi Abdul Hadi, PASSIA, Palestina

14:30 :: 16:00

VIZINHANÇA SUL E UNIÃO PARA O MEDITERRÂNEO

Roberto Aliboni, IAI, Roma – Amr ElShobaki, ACPSS, Cairo – Nadim Shehadi, Chatham House, Londres – Abdallah Saaf, CERSS, Rabat

16:30 :: 18:00

CONSEQUÊNCIAS DA CRISE FINANCEIRA: O REGRESSO DO(S) ESTADO(S)?

Vítor Martins*, Lisboa – Alejandro Lorca, Universidad Autónoma, Madrid – Maria João Rodrigues, Lisboa – Sinan Ulgun, Presidente, EDAM, Istanbul – George Joffé, CIS, Cambridge

[Quarta-feira, 3 de Dezembro]

09:30 :: 11:00

RELAÇÕES COM A RÚSSIA E FUTURO DA PARCERIA LESTE DEPOIS DA GUERRA NA GEORGIA

José Luís da Cruz Vilaça*, Lisboa – Leila Alieva, Director, CNIS, Baku – Antje Herrberg, European Forum for International Mediation and Dialogue, Bruxelas – Luis Peral, EUISS, Paris – Luísa Meireles, EXPRESSO, Lisboa

11:30 :: 13:00

ESTRATÉGIA EUROPEIA, NATO, POLÍTICA DE DEFESA: REENCONTRO OU DESENCONTRO?

Zaneta Ozolina, DIIA, Letónia – Nome a indicar, Nato, Bruxelas – Stefano Silvestri, IAI, Roma – Thérèse Delpech*, CEA, Paris – Julian Lindley-French, Academia de Defesa, Haia

14:30 :: 16:30 .

A QUIMERA (POSSÍVEL?) DE UM MULTILATERALISMO CONSEQUENTE :: :: CONCLUSÕES

Guilherme d'Oliveira Martins, Presidente, CNC, Lisboa – Álvaro de Vasconcelos, Director, EUISS, Paris – Ian Lesser, GMF, Washington – Geoffrey Edwards, CIS, Cambridge – Luís Pais Antunes, Director, IEEI

* a confirmar

